



Subsídios Educativos no Cinema d'Os Trapalhões¹

Rafael Jose BONA²

Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, SC

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir valores educacionais na linguagem cinematográfica d'Os Trapalhões e por meio deles verificar a possibilidade de criar subsídios educativos para o processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica afim de que esta suscite contextos educativos para crianças. Para estudo foi selecionado o filme *Os Saltimbancos Trapalhões* da década de 1980, período próspero do quarteto. Para que esta pesquisa não pareça apenas um anúncio, mas principalmente valha como um caminho para se empreender uma forma agradável de aprender e ensinar faz-se algumas sugestões de procedimentos didáticos ao professor quanto à utilização do cinema em sala de aula como contribuição para a Educação Básica em qualquer período.

Palavras-chave: Educação; Cinema; Filmes; *Os Trapalhões*.

1 Introdução

Os filmes expressam na tela pedaços da realidade que não deixam de ser uma forma artística de educar. Encantam as pessoas há décadas e ao mesmo tempo em que eles são vistos como forma de entretenimento também podem ser vistos como meio de ensinar, educar, formar opinião, instigar discussões importantes acerca dos mais diversos espaços dentro da sala de aula. Um filme pode ter muitos contextos, interpretações, signos³ e significados por parte dos seus espectadores. E é nesse espaço que se pode utilizar o cinema como processo ou método de ensino e aprendizagem, produzindo significados por meio dos signos.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom Sul 2009).

² Mestre em Educação (FURB), Especialista em Cinema (UTP) e Fotografia (UNIVALI), Graduado em Publicidade e Propaganda (FURB). Docente dos cursos de graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da FURB (Universidade Regional de Blumenau), UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) e do Grupo UNIASSELVI (Centro Universitário Leonardo Da Vinci e ASSEVIM). E-mail: bonafilm@yahoo.com.br

³ Para Santaella (2002, p. 114) “signo é qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. O objeto do signo também pode ser qualquer coisa de qualquer espécie. Essa coisa, qualquer que seja, está na posição de objeto porque é representada pelo signo”.



Conforme Silva (1999), o cinema já é considerado parte do cotidiano das crianças. Uma realidade que se configura e que precisa ser incorporada à educação. Os filmes infantis apresentados no Brasil, por muitas décadas, eram dos estúdios de *Walt Disney* dos Estados Unidos. Apenas na década de 1980, essa condição ficou sob a responsabilidade de um dos fenômenos de bilheterias da história do cinema nacional, que foram *Os Trapalhões*, formados por quatro integrantes (Didi, Dedé, Mussum e Zacarias) que começaram a carreira artística na televisão e mais tarde no cinema. Eles encantaram uma geração de crianças, jovens e adultos com seus filmes temáticos desde a década de 1960.

O cinema d' *Os Trapalhões* possui enredos diversificados que trazem narrativas sobre a história brasileira (*O Cangaceiro Trapalhão*), contos de fadas (*O Cinderelo Trapalhão*), temas sociais (*Os Trapalhões na Serra Pelada*) entre outros; revelam-se importantes no processo educativo. Em particular, os produzidos nos anos 1980 apresentam releitura de obras literárias da cultura nacional e internacional e por meio disso permitem nova forma de se vislumbrar caminhos para o ensino e a aprendizagem no meio educacional. O intuito é mostrar como os filmes do quarteto podem ser importantes na área da educação, por seus intertextos e, ao mesmo tempo, como podem ser utilizados como recurso no ensino e na aprendizagem nas salas de aula. Esta pesquisa discute valores educativos num dos filmes do grupo.

Para análise tratou-se de observar signos⁴ que expressem valores educativos presentes no filme *Os Saltimbancos Trapalhões*, de 1981, que possui forte apelo musical. As cenas selecionadas foram descritas em forma de texto. Boa parte dos filmes do quarteto possui valores educacionais considerados pertinentes a serem analisados (para este trabalho utilizou-se apenas de um deles para análise). O presente artigo se constitui de fragmentos de uma dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) defendida por este autor em 2007 com o título de: *Os signos educativos presentes no cinema: uma análise dos filmes d'Os Trapalhões da década de 1980*.

⁴ A noção de signo nesta pesquisa não equivale exclusivamente ao signo lingüístico, ou seja, o signo não é mais somente verbal, mas também não-verbal, por meio das imagens. Santaella (2000) ressalta que o mundo torna-se cada vez mais cheio de complexidade e cada vez mais fica hiperpovoado de signos que estão aí para serem compreendidos e interagidos.



2 Os Trapalhões

Os Trapalhões eram formados por quatro integrantes: Didi – Antônio Renato Aragão (1935 –), Dedé – Manfred Sant’Anna (1936 –), Mussum – Antonio Carlos Bernardes (1941 – 1994), e Zacarias – Mauro Faccio Gonçalves (1934 – 1990).

A história do grupo começa na década de 1960, mas foi nos anos 1980 que o cinema deles esteve no auge. Segundo Lunardelli (1996), os filmes de *Os Trapalhões* traziam na diversidade de cada personagem uma faceta da geografia cultural do Brasil. O líder do grupo (Didi), cearense, expressava a condição do homem nordestino com diversas citações ou fazendo do Nordeste tema específico em alguns filmes.

Dedé se destacava por ser de uma família circense, Mussum levava consigo o jeito “carioca” por ser um sambista criado nos morros do Rio de Janeiro. E, a personagem Zacarias veio de um estilo do rádio. Foi na televisão que o grupo se consolidou, tendo um programa humorístico veiculado por 30 anos na Rede Globo de Televisão, chegando a figurar no *Guinness Book*, o Livro dos Recordes.

Os Trapalhões surgiram na TV Excelsior de São Paulo, na década de 1960, com o nome de *Adoráveis Trapalhões* e com vários integrantes (Didi e Dedé faziam parte) que saíram do programa com o passar do tempo. Mais tarde entram na equipe o Mussum e o Zacarias para consolidar o quarteto. Depois de passar por algumas emissoras, em 1977 o grupo passa a atuar exclusivamente na Rede Globo de Televisão. Eles tinham habilidades para produzir na televisão e no cinema. De acordo com Ramos (1995), o cinema de *Os Trapalhões* nasceu como ramificação dos programas de televisão e foi aproveitado de condições insuficientes do cinema nacional. Depois eles voltaram ao cinema feito em estúdios que até então sempre se mostrava inviável no Brasil.

O primeiro filme de *Os Trapalhões* foi realizado em 1965 e contava apenas com a dupla Didi e Dedé. Com o quarteto completo foram realizados 22 filmes no período de 1978 a 1990, num total de 47 filmes de 1965 a 2008. Assim como os filmes do Charles Chaplin são ícones na história do cinema de comédia mundial, *Os Trapalhões* são ícones do cinema cômico brasileiro. “Num tempo de confinamentos espaciais, o homem fechado em uma sala cinematográfica compartilha com outros espectadores o alívio da dor com uma sonora gargalhada” (Lunardelli, 1996, p. 15).

Muitas das fontes utilizadas para esta pesquisa possuem divergências em relação ao ano da produção dos filmes do quarteto. Por exemplo, Lunardelli (1996), cataloga o



filme *A Ilha dos Paqueras* como sendo de 1968, já o sítio IMDB⁵ cataloga como sendo 1966 e o sítio ADORO CINEMA.COM⁶ cataloga o filme sendo de 1970. Para não ocorrer essa divergência, optou-se por usar Lunardelli (1996) como fonte. Com o levantamento da filmografia d’*Os Trapalhões* fez-se um quadro (QUADRO 01) no qual aparecem título do filme, nome dos quatro personagens e a aparição de cada um nas respectivas obras.

QUADRO 01: FILMOGRAFIA COMPLETA D’OS TRAPALHÕES (1965-2008)

	Título do filme	Didi	Dedé	Mussum	Zacarias
1	<i>Na onda do Iê-iê-iê</i> (1965)	X	X		
2	<i>O adorável Trapalhão</i> (1966)	X			
3	<i>Dois na lona</i> (1967)	X			
4	<i>A Ilha dos paqueras</i> (1968)	X	X		
5	<i>Bonga, o vagabundo</i> (1969)	X			
6	<i>Ali Babá e os 40 ladrões</i> (1972)	X	X		
7	<i>Aladim e a lâmpada maravilhosa</i> (1973)	X	X		
8	<i>Robin Hood, o Trapalhão da floresta</i> (1973)	X	X		
9	<i>O Trapalhão na ilha do tesouro</i> (1974)	X	X		
10	<i>Simbad, o marujo Trapalhão</i> (1975)	X	X		
11	<i>O Trapalhão no Planalto dos Macacos</i> (1976)	X	X	X	
12	<i>O Trapalhão nas minas do Rei Salomão</i> (1977)	X	X	X	
13	<i>Os Trapalhões na Guerra dos Planetas</i> (1978)	X	X	X	X
14	<i>O Cinderelo Trapalhão</i> (1979)	X	X	X	X
15	<i>O Rei e os Trapalhões</i> (1979)	X	X	X	X
16	<i>Os Três Mosquiteiros Trapalhões</i> (1980)	X	X	X	X
17	<i>O incrível monstro Trapalhão</i> (1980)	X	X	X	X
18	<i>O mundo mágico dos Trapalhões</i> (1981)	X	X	X	X
19	<i>Os saltimbancos Trapalhões</i> (1981)	X	X	X	X
20	<i>Os vagabundos Trapalhões</i> (1982)	X	X	X	X

⁵ Internet Movie Database. Disponível em: www.imdb.com, acessos intermediários em 2007 e 2008.

⁶ Adoro Cinema.com. Disponível em: www.adorocinema.com, acessos intermediários em 2007 e 2008.



21	<i>Os Trapalhões na Serra Pelada</i> (1982)	X	X	X	X
22	<i>O cangaceiro Trapalhão</i> (1983)	X	X	X	X
23	<i>O Trapalhão na Arca de Noé</i> (1983)	X			
24	<i>Atrapalhando a Suate</i> (1983)		X	X	X
25	<i>Os Trapalhões e o Mágico de Oróz</i> (1984)	X	X	X	X
26	<i>A filha dos Trapalhões</i> (1984)	X	X	X	X
27	<i>Os Trapalhões no Reino da Fantasia</i> (1985)	X	X	X	X
28	<i>O Trapalhão no rabo do cometa</i> (1985)	X	X	X	X
29	<i>Os Trapalhões e o Rei do Futebol</i> (1986)	X	X	X	X
30	<i>Os Trapalhões no Auto da Compadecida</i> (1987)	X	X	X	X
31	<i>Os fantasmas Trapalhões</i> (1987)	X	X	X	X
32	<i>Os heróis Trapalhões</i> (1988)	X	X	X	X
33	<i>O casamento dos Trapalhões</i> (1988)	X	X	X	X
34	<i>A princesa Xuxa e os Trapalhões</i> (1989)	X	X	X	X
35	<i>Os Trapalhões na Terra dos Monstros</i> (1989)	X	X	X	X
36	<i>Uma escola atrapalhada</i> (1990)	X	X	X	X
37	<i>Xuxa e os Trapalhões em: O mistério de Robin Hood</i> (1990)	X	X	X	
38	<i>Os Trapalhões e a árvore da juventude</i> (1991)	X	X	X	
39	<i>O noviço rebelde</i> (1997)	X	X		
40	<i>Simão, o fantasma Trapalhão</i> (1998)	X	X		
41	<i>O Trapalhão e a luz azul</i> (1999)	X	X		
42	<i>Um anjo Trapalhão</i> (2000)	X			
43	<i>Didi: o cupido Trapalhão</i> (2003)	X			
44	<i>Didi quer ser criança</i> (2004)	X			
45	<i>Didi: o caçador de tesouros</i> (2006)	X			
46	<i>O cavaleiro Didi e a princesa Lili</i> (2007)	X			
47	<i>O guerreiro Didi e a Ninja Lili</i> (2008)	X			

Fonte: Rafael Jose Bona

Os filmes deste grupo encontram-se entre as maiores bilheterias da história do cinema brasileiro. Eles levaram milhões de pessoas às salas de exibição encantando e divertindo gerações, principalmente na década de 1980. Nas temáticas dos filmes do



quarteto eles vão sempre ao encontro da pessoa comum, pois, assim como menciona Lunardelli (1996, p. 59), “na dialética artista/filme/espectador, se concretiza o prazer de ver-se refletido”. O povo consegue se ver nos filmes e é quando ocorre o processo de identificação do artista com o público. *Os Trapalhões*, em seus filmes, geralmente, são pobres e miseráveis e quase nunca possuem um local para morar e mesmo assim, vivem com alegria, prazer e imaginação.

Isso faz com que o espectador por muitas vezes se identifique com essa realidade. O quarteto brinca com a realidade sócio econômica do Brasil. “Transportam para a tela a concretude do precário, mas nela transitam livres das amarras do cotidiano” (LUNARDELLI, 1996, p. 59).

Com o falecimento do Zacarias, vítima de uma infecção pulmonar (em 1990) e do Mussum, morto num transplante de coração (em 1994) o grupo foi se desfazendo. As reprises televisivas continuaram por anos, mas a produção cinematográfica diminuiu. Atualmente, Didi e Dedé possuem um programa na Rede Globo de Televisão (com o programa *A Turma do Didi*, desde 1998 – Dedé começou a fazer parte do programa anos depois do lançamento do mesmo).

2.1 *Os Saltimbancos Trapalhões*

O filme selecionado para estudo foi *Os Saltimbancos Trapalhões*, por possuir repertório fílmico com números musicais, por meio do canto e da dança. Esse filme possui valores educacionais considerados pertinentes a serem observados.

Produzido em 1981 na cidade do Rio de Janeiro. Foi dirigido por J. B. Tanko e visto por 5.218.574 espectadores em todo o Brasil (LUNARDELLI, 1996). Teve seqüências gravadas no Brasil e nos Estados Unidos, em Hollywood. O filme é uma versão do musical infantil italiano *Os Saltimbancos* de Bardotti e Bacalov, que o cantor e compositor Chico Buarque adaptou como peça teatral no Brasil e em seguida transformado no filme *Os Saltimbancos Trapalhões*.



Figura 01: Capa do Filme *Os Saltimbancos Trapalhões*

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/saltimbancos-trapalhoes/saltimbancos-trapalhoes-poster01.jpg>, acessado em 30 de novembro de 2008

A história inicia com *Os Trapalhões* em cima de um carro passando por um campo no qual as cenas são embaladas com uma música de forró. Eles são humildes funcionários do circo Bartholo comandado por um Barão. Karina é a filha do Barão que é contra algumas ideias do pai.



Figura 02: *Os Saltimbancos Trapalhões*
Fonte: Rafael Jose Bona



Figura 03: *Os Saltimbancos Trapalhões*
Fonte: Rafael Jose Bona

Didi se apaixona por ela, mas a mesma namora o trapezista Frank. De funcionários braçais, o quarteto acaba virando a atração principal do circo por meio de suas brincadeiras. Nem o dono do circo, um senhor excêntrico resiste ao inusitado talento cômico dos funcionários.



Figura 04: Os Saltimbancos Trapalhões
Fonte: Rafael Jose Bona



Figura 05: Os Saltimbancos Trapalhões
Fonte: Rafael Jose Bona

O vilão é o mágico Assis Satã e sua auxiliar Tigrana. O filme tem forte apelo musical e em vários momentos eles “brincam” com o sonho de um dia estar em Hollywood. A história termina com Didi sozinho no palco (sem Karina, por quem ele é apaixonado) no qual pode-se remeter essa imagem ao filme *O Circo*, de Charles Chaplin⁷ nos anos 1920 no qual o ator principal termina sozinho e o filme por aí se encerra.



Figura 06: Charles Chaplin
Fonte: Pesquisas Google (2007)



Figura 07: Os Saltimbancos Trapalhões
Fonte: Rafael Jose Bona

A intertextualidade com as artes e a literatura são fortes em quase todos os filmes do quarteto. O termo intertextualidade foi introduzido pela pesquisadora Julia Kristeva⁸ em 1969, que significa comunicação entre textos. É o diálogo produzido entre o “dentro” e o “fora”, o “interno” e o “externo”, entre um “texto” e “outro texto”, entre

⁷ Charles Chaplin (1889 – 1977), foi um dos mais famosos atores comediantes, produtores e diretores do início do século XX. Ficou conhecido internacionalmente por sua personagem Carlitos. O ator faz parte da geração do cinema mudo de Hollywood.

⁸ Nasceu na Bulgária e mora na capital francesa desde 1966. Psicanalista, professora de lingüística na Universidade de Paris e autora de livros de sucesso no mundo acadêmico, é uma das mais respeitadas intelectuais da atualidade. Seu pensamento combina várias disciplinas: filosofia, semiologia, teoria literária e psicologia.

um “segundo” e um “primeiro”, entre “presente” e “passado”. Esses textos encontram-se representados na linguagem do cinema em forma de “signos intertextuais”, nomenclatura dada por Ferrara⁹ (1981). Uma paródia literária ou artística no cinema, por exemplo, é considerada um signo. Segundo Ramos (1995), a paródia é muito utilizada nos filmes d’*Os Trapalhões*, “é um tipo de paródia que utiliza freneticamente personagens, ambientações, cacos temáticos” (RAMOS, 1995, p. 150). A paródia é uma das formas de se fazer uma leitura intertextual de outra obra. O filme *Os Trapalhões e o Mágico de Oróz* é exemplo de como a intertextualidade com outra obra do cinema pode fazer confluência. Muitos tratam de temas relacionados à literatura e faz ligação com diversos textos nacionais e internacionais e inclusive parodiando outros filmes utilizando signos intertextuais.

A utilização da paródia acaba inscrevendo os filmes d’*Os Trapalhões* dentro da tradição do cinema popular brasileiro. Isso alinha-se no âmbito da cultura popular. A presença da paródia deve ser compreendida, por um lado, como uma atividade comum nos meios de comunicação de massa, e do outro, como uma tradição do cinema popular brasileiro (LUNARDELLI, 1996).

Hutcheon (1985) permite reflexão sobre a paródia pelo fato do diálogo intertextual, sendo que este se dá entre o leitor (espectador) e sua memória de outros textos, conforme estão sendo evocados pelo texto em questão. Os filmes fazem diversas citações intertextuais que lidam com a memória coletiva aos diversos diálogos que são transpostos nas produções literárias universais com abrangência maior por sua antiguidade e conteúdo mítico, assim como ressalta Lunardelli (1996).

A representação de muitas histórias dos filmes do quarteto por meio da paródia transformam o imaginário da literatura infantil, estabelece diálogos com multiplicidade de outros elementos que estão inseridos no contexto de muitos espectadores que possuem conhecimento de certos elementos já conhecidos nessa confluência comunicacional (RAMOS, 1995).

No filme *Os Saltimbancos Trapalhões*, que é baseado na peça italiana infantil *Os Saltimbancos* encontram-se muitos intertextos com outras obras. Na análise do filme selecionado percebeu-se que a intertextualidade

sempre constituiu um princípio básico de construção de linguagem, pois que inerente ao próprio processo de construção do “eu”, que não tem existência independente, mas complementar, em diálogo constante com os outros

⁹ FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. A mesma teoriza o signo intertextual (1981) e sua aparição nas obras artísticas parodiadas.

"eus", com o meio ambiente social. Daí, todo desempenho verbal (inclusive o artístico) ser interindividual, um cruzamento de discursos do emissor, do receptor, envolvendo toda uma carga de sentidos ideológicos, culturais, acumulados em cada palavra sobrecarregada pelo uso dos mais diferentes falantes através da História (SANT'ANNA, 2005).

Por exemplo, Didi é a imagem intertextual do clássico vagabundo interpretado por Charles Chaplin em *Os Saltimbancos Trapalhões*. Pode-se comparar os trajes, expressões, a companhia de um cachorro, o cenário do circo, os signos pertencentes ao cinema de Chaplin. Conforme Sant'Anna (2005):

Kristeva, ao entender qualquer texto como um "mosaico de citações", concebe também o texto como "absorção e transformação de um outro texto" e denomina como "intertextualidade" a transposição de um ou vários sistemas de signos noutro sistema de signos, estendendo a noção de dialogismo também aos sistemas simbólicos não-verbais.

Peças musicais estão presentes em dois momentos relevantes que remetem a vários valores artísticos e literários. Uma das cenas é a do musical no circo.

A cena começa com *Os Trapalhões* entrando no palco com Karina, interpretada pela atriz Lucinha Lins. Todos estão vestidos de animais. Zacarias é o galo, Mussum é o cachorro, Didi e Dedé são o burro e Karina está vestida com uma fantasia de gato. A cena começa com sons do público. Risos e aplausos são ouvidos quando a música começa a tocar e *Os Trapalhões* junto com Karina começam a dançar: “*Me alimentaram. Me acariciaram. Me aliciaram. Me acostumaram. O meu mundo era o apartamento. Detefon, almofada e trato. Todo dia filé mignon ou mesmo um bom filé. De gato.*”



Figura 08: *Os Saltimbancos Trapalhões*

Fonte: Rafael Jose Bona

Nesse momento Karina segura a mão das personagens Zacarias e Mussum e na seqüência aparecem o rosto de três crianças espectadoras da platéia (mostrando a familiarização do público infantil com os animais de estimação). E o número musical dá continuidade: “*Me diziam a todo momento. Fique em casa. Não tome vento. Mas é duro*

ficar na sua quando à luz da lua. Tantos gatos pela rua. Toda noite vão cantando assim: Nós gatos já nascemos pobres. Porém, já nascemos livres. Senhor, senhora ou senhorio. Felinos, não reconhecerás.”

A cena se encerra com *Os Trapalhões* fantasiados dançando no embalo da música e ao som dos risos e aplausos da platéia com quem ficam alguns momentos brincando. Esta cena pode ser um signo representado pela música e pelos animais, indicando intertextualidade com o musical *Saltimbancos*.

A outra cena analisada é do musical *Hollywood*. A cena que antecede estas imagens é aquela onde *Os Trapalhões* estão fantasiados de animais e convencem Karina a se mudar para a cidade grande onde ela teria melhores oportunidades artísticas. A personagem Dedé fala: “*O descobridor de talentos leva a gente para o cinema.*”

Didi: “*E depois Hollywood!*”

Os quatro *Trapalhões* falam juntos: “*Hollywood!*”

Começa outro musical e em seguida Karina aparece num traje preto e de gala e *Os Trapalhões* com roupas modernas da moda dos 1980. É como se a mudança dessas imagens fosse a transição para um sonho. Um sonho de ir atrás dos seus objetivos, das suas metas. No caso deles: *Hollywood*. Karina entra cantando a maior parte da letra em português, mas algumas palavras também aparecem na língua inglesa: “*Ói nós aqui. Ói nós aqui. Hollywood fica ali bem perto. Só não vê quem tem um olho aberto. Ói nós aqui. Tamos aí. Hollywood é um sonho de cenário. Vi um pau-de-arara milionário. E eu que nem sonhava conhecer o tal recife. Pobre saltimbanco Trapalhão. Hoje sou mocinho sou vizinho do xerife. Dou rabo-de-arraia em tubarão. Ói nós aqui. Tamos aí. Ói nós aqui. Tamos aí. Tem de tudo nessa Hollywood. Vi um índio cheio de saúde. Ói nós aqui. Ói nós aqui. How do you do, caruaru. I wanna be, piripiri. Ói nós aqui. Ói nós aqui. Ói nós aqui. Ói nós aqui. Camelôs, malucos e engraxates, aproveitem enquanto o sonho é grátis. Ói nós aqui. Quem há de negar que é bom dançar, que a vida é bela, neste fabuloso xanadu. Eu só tenho medo de amanhã cair da tela e acordar em Nova Iguaçu. Ói nós aqui. Ói nós aqui. How do you do. Banabuiú. I wanna buy o Paraguai. Hollywood and me. Ói nós aqui. Vixe.”*



Figura 09: *Os Saltimbancos Trapalhões*

Fonte: Rafael Jose Bona

Junto da música imagens são intercaladas onde aparecem *Os Trapalhões* em grandes carros e imagens de cenários de estúdios de *Hollywood*. Essas imagens intercaladas servem para reforçar o “sonho”, a “esperança” de um novo mundo fora da realidade deles. Este musical é um signo que indica uma intertextualidade com um musical de cultura estadunidense.

Com o intertexto o educador pode trabalhar com leituras de textos pertinentes ao contexto da aula e do filme, o que pode incentivar a criança a ler textos mais concisos. Pode-se estudar com mais detalhes a obra que foi parodiada ou representada no filme, desenhos relacionados à obra, representação teatral do enredo fílmico entre outros. Cabe ao educador saber relevar ao contexto do conteúdo ministrado.

A linguagem cinematográfica de *Os Trapalhões*, sempre foi voltada para o público infanto-juvenil e sempre produzida como um produto do cinema infantil nacional de entretenimento. Talvez, sem analisar esse ponto, esses mesmos filmes podem servir como referência em determinadas aulas da Educação Básica como ferramenta de grande valia para o processo educacional.

3 Considerações finais e propostas para o educador

De acordo com Napolitano (2004), conforme a organização inglesa *Film Education*, o uso do cinema infantil em sala de aula para crianças de 5 a 10 anos pode ser especialmente profícuo nas primeiras séries iniciais, pois as crianças começam a criar a habilidade de ler imagens em movimento e são muito adaptáveis para interpretar filmes. Elas aprendem a compreender as narrativas e prever os possíveis desenvolvimentos da história, o que será de extrema importância ao ter os primeiros

contatos com o texto escrito, e estimular o interesse provocado pelos filmes, o que pode incentivar as mesmas a lerem textos mais concisos.

Tudo isso pode estimular a criança a ter outros tipos de aprendizado de conteúdos, habilidades e conceitos como, por exemplo, análise da música como expressão do sentimento no filme, análise das cores, desenho de cartazes com base no filme, conhecimento de lendas e mitos das mais diversas culturas, recriação de histórias, análise sobre as relações humanas expressadas no filme, desenvolvimento de pesquisas históricas, análise sobre valores e noções de meio ambiente entre outros (NAPOLITANO, 2004).

Para que esta pesquisa não pareça apenas um anúncio, mas principalmente valha como um caminho para se empreender uma forma agradável de aprender e ensinar fazem algumas sugestões de procedimentos didáticos ao professor que possam contribuir com a Educação Básica em qualquer período. Fazendo uso da classificação de Biembengut (2006) os procedimentos são divididos em quatro etapas assim denominadas:

1ª Etapa: Interação – Implica o professor ter conhecimento da relação signo e significado para poder selecionar o filme com o conteúdo didático e escolher o que será trabalhado na sala de aula no contexto da matéria estudada. O filme que for selecionado para o contexto escolar não deve ser escolhido pelo que se sabe sobre cinema, mas sim, pelos seus valores educativos (a intertextualidade com outras obras, por exemplo) e o que pode ser desenvolvido por isso. Entretanto, segundo Duarte (2006), para que a atividade seja produtiva, é preciso que o professor veja o filme antes de exibi-lo e elabore um roteiro com elementos para os quais se deseja trabalhar posteriormente.

2ª Etapa: Instrumentação – Nesta etapa ocorre a exibição do filme para os alunos em sala de aula; espera-se que a exibição do filme permita aos educadores levar as crianças a aprenderem com a utilização do cinema a partir de observação e análise de pontos que serão estudados posteriormente.

3ª Etapa: Implementação – Discussão dos pontos pertinentes do filme e da problemática estudada em aula junto com os alunos.

4ª Etapa: Avaliação – A avaliação será feita por meio da confecção de tarefas pertinentes ao tema estudado com discussão em sala sobre determinadas cenas e por meio disso, trabalhar com a mesma ao efetuar trabalhos que sejam: na confecção de cartazes, em produzir desenhos que representem o filme, a ler textos mais concisos, a estudar obra literária que foi parodiada ou representada no filme por meio da



intertextualidade, elaborar redação sobre os problemas e signos representados no filme entre outros. A partir dessas sugestões o professor está apto a estudar outras atividades para o contexto escolar.

Presume-se que no momento em que o educador perceber os valores de educação presentes na linguagem do cinema, poderá perceber várias possibilidades educativas dos filmes infantis e dos filmes (em geral) e, o quanto isso pode fluir na mente das crianças e adolescentes; levando esses espectadores mirins a ‘viajar’ ao passado, desvendar as estórias das histórias, tornar o presente mais próximo, dar um ‘salto’ no futuro, persuadindo o tempo e transportando horizontes. Se o educador perceber e interpretar os valores educacionais presentes nos filmes infantis que possam contribuir para o processo de aprendizagem na Educação Básica, o mesmo encontrará várias possibilidades para utilização em sala de aula. O espectador infantil não precisa reconhecer os signos, mas sim, o educador saber identificar os mesmos e saber explorá-los.

Duarte (2006) afirma que os filmes são rica fonte de pesquisa para os pesquisadores da área de educação. Eles podem fornecer vasto material de estudo e reflexão acerca de estratégias de escolarização e de transmissão de conhecimento adotadas por diferentes culturas em diversas sociedades. Aprende-se melhor com o cinema e este têm possibilidade de expressar muitos valores.

REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA.COM. Site do Adorocinema.com. Disponível em: www.adorocinema.com; Acessado em 30 nov. 2008.

BIEMBENGUT, M. S. **Criatividade nas Séries Iniciais.** Blumenau, 2006. Relatório de Pesquisa.

DUARTE, R. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRARA, L. D. **A estratégia dos signos.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia.** Edições 70: Lisboa, Portugal, 1985.

IMDB. Sítio do Internet Movie Database. Disponível em <www.imdb.com>. Acessos intermediários durante os anos de 2006 e 2007.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise.** São Paulo: Perspectiva, 1969.



LUNARDELLI, F. **Ô psit! O cinema popular dos Trapalhões.** Artes e Ofícios: Porto Alegre, 1996.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004, 2 ed.

RAMOS, J. M. O. **Televisão, publicidade e cultura de massa.** Vozes: Petrópolis, 1995.

SANT'ANNA, C. **Texto e intertextualidade.** Disponível em <<http://www.tomze.com.br/art61.htm>>, I Congresso ABRACE, USP, São Paulo, acesso em 01º de mai. 2005.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas.** São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. **Semiótica aplicada.** São Paulo: Thomson, 2002.

SILVA, D. O. S. **Os Trapalhões: uma linguagem entre literatura e cinema infanto-juvenil.** Educação e Linguagem, São Bernardo do Campo, v. 2, 1999.